

SOLETRAS

REVISTA DE ARTE & CULTURA

Editor: Dany Wambire * Beira * Ano XII * 2025 * 61ª edição * E-mail: revistasoletras@gmail.com

BIMESTRAL

**“São muitas as mulheres que escrevem,
mas são invisíveis”**
afirma Teresa Manjate

*‘Chapateca’, ‘Mabuko ya Hina’ e
AIDGLOBAL: três projectos de in-
centivo à cultura de leitur*

Página 7

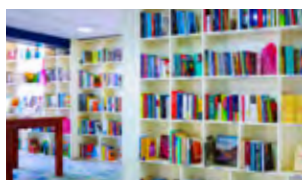
*Quando a literatura é uma mis-
são colectiva*

Página 16

*Angelina Neves: o perfil de
uma mulher que há meio sécu-
lo publica infanto-juvenis*

Página 20

Índice de Conteúdos



04. Não há indústria sem consumidores



07. 'Chapateca', 'Mabuko ya Hina' e AIDGLOBAL: três projectos de incentivo à cultura de leitura



12. "São muitas as mulheres que escrevem, mas são invisíveis", afirma Teresa Manjate



16. Quando a literatura é uma missão colectiva



20. Angelina Neves: o perfil de uma mulher que há meio século publica infanto-juvenis



22. "As mulheres do meu país" literário



26. Dany Wambire participa na Feira do Livro Infantil de Bolonha, na Itália



Apresentação

Março é o mês da mulher. E o é, como sabemos, por se ter convencionado que no seu oitavo dia se celebraria a mulher e as suas lutas pela igualdade de direitos, melhores condições de trabalho e reconhecimento social.

A revista *Soletras* decidiu juntar-se às celebrações, dedicando esta edição à literatura no feminino. Neste número, reunimos vozes de mulheres que se empenharam e se empenham, mesmo sob a cortina da invisibilidade imposta, para produção, circulação e promoção da literatura.

Na produção literária, destacamos a escritora Angelina Neves, considerada como a mãe da literatura infantil em Moçambique. A autora, que começou a contar e escrever histórias entre 1960 e 1970, já publicou mais de 40 livros para crianças.

Diferentemente da escritora Angelina Neves, há mulheres que ainda enfrentam barreiras para saírem do anonimato. A pesquisadora Teresa Manjate, a nossa entrevistada desta edição, entende que “são muitas as mulheres que escrevem, mas são invisíveis. Porque ninguém fala sobre elas. Então, temos que pensar nas mentalidades dos que estão por detrás daqueles que têm que fazer referência a essas figuras, a essa escrita, ainda que incipiente, ainda que tacanha, ainda que tímida.”

Entretanto, há várias mulheres, sobretudo escritoras, que, compreendendo as dificuldades que outras enfrentam para publicar e se tornarem visíveis, arregaçaram as mangas e vão abrindo caminhos para outras mulheres. Sandra Tamele, fundadora da Editora Trinta Zero Nove, Virgília Ferrão, do Diário

de Qawwi, e Deusa d'África, activista na Associação Xitende, são exemplo de mulheres escritoras que abdicam do isolamento da criação para criar espaços para que outras vozes surjam e preencham um lugar no nosso mosaico literário.

De resto, quem escreve livros, espera que sejam lidos. Para tal, uma cadeia funcional do livro se impõe. Ou seja, o sucesso do negócio do livro está dependente da existência de um mercado com uma sólida cultura de leitura. É consensual que a cadeia do livro, em Moçambique, ainda está por se criar. Mas, enquanto não se chega lá, há mulheres que vão lutando para proteger a cultura do livro, através da manutenção das poucas livrarias. São elas Christiane Maia, Narcisa Pontavida e Anatórcia Luís.

Entre o leitor e o livro, estão os mediadores de leitura, que desenvolvem uma série de iniciativas para aproximar o livro ao leitor e vice-versa. ‘Chapateca’, ‘Mabuko ya Hina’ e AIDGLOBAL são algumas acções de promoção da leitura levadas a cabo em Moçambique. Os três projectos, liderados por mulheres e parecidos, na sua essência, estiveram a partilhar os méritos das suas actividades no Centro Cultural Franco-Moçambicano, durante a conferência “O livro em Moçambique: Cadeia de Valores”, havido em Fevereiro, mas que, pela sua relevância, fazemos eco nesta edição de Março da *Soletras*.

Para finalizar, deixamos um convite para que o(a) estimado(a) leitor(a) faça a leitura do artigo “As mulheres do meu país literário”, no qual a ensaísta apresenta os resultados de recenseamento de obras escritas por mulheres em Moçambique.

Votos de boa leitura!

Dany Wambire,
Editor



Não há indústria sem consumidores

Texto: Inocência Albino

O sucesso do comércio do livro está condicionado à existência de um mercado com uma sólida cultura de leitura, o que em Moçambique não há. Então, como esta actividade sobrevive? E onde os profissionais do ramo encontram ânimo para persistir e proteger a cultura do livro? Nesta matéria, três almas dedicadas ao livro trazem as respostas.

Como acontece noutros campos de actividade produtiva e comercial, onde a palavra indústria nos remete a, pelo menos, três processos essenciais, sempre interligados (entrada de matérias-primas, sua transformação em produtos e serviços que são consumidos pelo grande público) também, no ramo livresco «não há indústria sem consumidores». Este aviso de Christiane de Moraes Maia, fundadora da Ubuntu Educacional,

empresa dedicada ao fortalecimento da educação no norte de Moçambique, promovendo o acesso ao livro, pode não soar o mesmo para os diversos actores. Ainda assim, é verdadeira.

Por exemplo, no coração de Maputo, encontramos Narcisa Pontavida, que se dedica ao comércio do livro na Livraria Mabuko, desde 2012. Não obstante, reconhecer pequenos desafios na área, Narcisa conta: «Temos clientes fiéis que nos visitam regularmente. Andamos sempre atrás de novidades no mercado de livros e temos as nossas redes sociais activas e, quase sempre, aplicamos descontos nos nossos produtos. A nossa localização numa avenida com muita movimentação acaba por gerar curiosidade a novos clientes que entram para conhecer a livraria.»

Por sua vez, Anatércia Luís, com 17 anos de experiência na área (trabalha para a Editora Escolar) classifica o comércio de livros como sendo desafiador e competitivo, ainda assim muito promissor. «Existem várias editoras e livrarias, cada uma com o seu foco e estratégia. A concorrência não se dá apenas entre as editoras locais, mas também com o acesso cada vez maior a conteúdos digitais e importados», explica. Luis vê muito espaço para inovação e crescimento para quem quer actuar no ramo livresco na capital moçambicana. E condiciona o sucesso à capacidade de «conseguir aliar qualidade editorial a uma boa estratégia de distribuição do livro e promoção da leitura.»

Como vimos, se de facto, não há indústria livresca sem leitores, como garantir a sobrevivência de quem trabalha com o livro? Como quem contraria a ordem das coisas, Christiane não se fez derogada. Vinda do Brasil, sua terra natal, há seis anos criou a promissora Ubuntu Educacional na cidade portuária de Nacala, na província de Nampula, norte de Moçambique.

Para Christiane, estar fora da cidade de Maputo, sobretudo em locais onde o acesso a livros é muito difícil, é a razão de ser a sua livraria. Segundo a sua narrativa, é nesses contextos onde a magia da alfabetização e da conversão de não leitores em leitores ocorrem. Paralelamente a isso, também a renovação dos ânimos da livreira – para prosseguir na actividade, não obstante os desafios – origina-se e multiplica-se «no brilho dos olhos das crianças em contacto com livros; e nos sorrisos das mães recém-alfabetizadas que passam a ser capazes de ler as suas primeiras frases», explica.

A abundância de livros no olhar das crianças é um factor crítico na formação de leitores confirmada pela história sobre como Narcisa veio a tornar-se trabalhadora devota nesse ramo. Basta recordar que, naquele ano de 2012, em contacto com a Livraria Mabuko, «ver aquelas revistas cheias de cores e material aumentava a minha curiosidade, trazendo muito entusiasmo pela leitura», recorda-se. Mas se a profusão de leitores não é o único factor para o sucesso da indústria do livro – que outros elementos podem fortalecer o seu desenvolvimento em países como Moçambique?

Políticas públicas favoráveis

A este respeito, Narcisa Pontavida aponta como estratégico o fomento da cultura da leitura desde a infância das pessoas, por meio da promoção e multiplicação de clubes de leitura de livros antigos e actuais, reduzindo a distância entre a leitura e as comunidades; promoção do acesso às bibliotecas e, acima de tudo, gerar uma boa relação entre o livro e as pessoas a partir do núcleo familiar. «Não se pode lutar contra a tecnologia. No entanto, deve-se regular os horários do seu uso para a geração actual», chama à atenção Narcisa,



Christiane de Moraes Maia



Narcisa Pontavida



Anatércia Luís

que reconhece um potencial vilão contra a leitura na tecnologia.

Anatércia Luís entende que uma cadeia de valor robusta no sector livresco deve incluir uma produção editorial de qualidade, distribuição eficiente, políticas públicas de incentivo à leitura, formação de leitores desde a infância e acessibilidade económica aos livros. Esta opinião encontra fundamentação nos desafiantes processos de distribuição e acesso ao livro no país. Por isso, «a falta de políticas públicas consistentes para fortalecer à leitura e à produção literária nacional também é um entrave», reitera.

No entanto, além de uma distribuição terrestre precária associada a uma distribuição aérea com custos muito altos, Christiane vê um marketing e uma falta de pontos de distribuição, livrarias, igualmente problemáticos, já que dificultam o acesso do produto final, o livro, em muitos pontos do país. “Quanto ao marketing, temos um outro desafio, que está ligado ao primeiro, pois é difícil gerir e manter actividades de divulgação em todas as partes do país sem uma rede de distribuição activa”, enfatiza.

O que se pode fazer

De facto, conforme recomenda Christiane, não se deve olhar para o livro apenas numa perspectiva industrial, mas também a partir do seu valor intangível emanado da literatura. Por isso, impera a construção de políticas públicas sólidas que garantam a inclusão da literatura no quotidiano das comunidades. No dizer de Anatércia, isto implica a necessidade de o Estado assumir amplamente o seu papel de investir mais em bibliotecas públicas e em políticas que incentivem à leitura desde o ensino primário. No entanto, “o livro escolar não deve ser o único instrumento de contacto com a leitura para as crianças”, sentencia Christiane, cuja perspectiva é secundada por Narcisa, para a qual “um livro é uma viagem, vários livros são aprender todos os dias”.

Portanto, todos os actores da cadeia de valor do sector do livro, cada um na sua área, têm um papel activo no fortalecimento dessa indústria e na promoção da leitura e do acesso ao livro. Por exemplo, cabe aos editores a aposta em publicações de alta qualidade e cada vez mais acessíveis; às livrarias e às bibliotecas o incentivo e promoção de eventos e clubes de leitura para conectar os públicos ao livro; ao passo que aos leitores, a leitura, a participação em debates e em eventos que potenciam a valorização do livro.

BIOGRAFIAS

“‘Comprei’ a luta pela difusão da literatura em Moçambique”

A educadora Christiane de Moraes Maia é brasileira, vive na cidade de Nacala há 6 anos. Desde 1998, é

devota à arte de compartilhar saberes com destaque para o mundo da literatura infanto-juvenil. É licenciada em História e em Pedagogia, com uma especialização em Administração Pública e um Mestrado em Educação. É igualmente pesquisadora no eixo sobre Ações Interdisciplinares na educação formal e informal. Já actuou em Arquivos Históricos e Centros de Documentação e Memória, tendo tido uma participação activa no Movimento Escoteiro no Brasil.

O livro sempre teve uma presença efectiva na sua vida, jogando um papel decisivo na construção da sua personalidade. É em função disso que, hoje, Christiane narra que “não foi surpresa para ninguém quando ‘comprei’ a luta pela difusão do acesso ao livro e da literatura em Moçambique.”

“Sempre fui fascinada pelo poder das palavras”

Anatércia Saidone é mãe e actua no ramo do livro há 17 anos, gerindo a sua comercialização e a promoção. A sua relação com os livros não é casual, tendo começado muito antes de entrar para o sector livreiro. “Desde cedo, sempre fui fascinada pelo poder das palavras e pelo conhecimento que os livros proporcionam”, lembra, acrescentando que “quando comecei a trabalhar na Livraria Escolar, tive a oportunidade de transformar essa paixão em profissão”.

Ao longo da carreira, Luís tem-se dedicado à difusão da literatura e à valorização do livro como ferramenta essencial para o desenvolvimento da sociedade. A sua longa e sólida experiência no sector editorial e no mercado livreiro, consolidou o seu olhar à leitura como um pilar fundamental para a educação e para a construção de um futuro melhor para Moçambique.

“A literatura ajuda-nos a viajar pelo mundo”

Narcisa Pontavida é natural de Tete, mas viveu por muito tempo na cidade da Beira. Daí sua família ser conhecida como beirense. Reside em Maputo desde 2012, mas antes disso viveu por 22 anos em países da América Latina – Uruguai, Argentina e Chile – com o seu falecido esposo e o seu filho mais velho. Numa das férias em Moçambique, em 2010, “conheci o meu actual esposo. Uma coisa foi levando a outra. Voltei a enamorar-me. Numa primeira fase, ele ia ao Chile visitar-me e à posterior, decidi regressar a casa, afinal: ‘um bom filho sempre volta a casa’. Hoje casados, temos um filho de 11 anos”, recorda-se.

Com uma licenciatura em Turismo e larga experiência no ramo hoteleiro, podia-se considerar Pontavida uma ‘outsider’ do mundo dos livros. Ainda assim, conta, “na Mabuko aprendi o gosto pelos livros. A leitura ajuda a memória, a imaginação, enriquece o vocabulário e ajuda-nos a viajar pelo mundo sem sair do lugar”. □



Da esquerda para a direita, Constance Fleury de la Ruelle, Eduardo Quive, Ana Albasini e Suzana Damasceno, na tela.

‘Chapateca’, ‘Mabuko ya Hina’ e AIDGLOBAL: três projectos de incentivo à cultura de leitura

Texto: Elcídio Bila

Fotos: Cultiv'arte

‘Chapateca’, ‘Mabuko ya Hina’ e AIDGLOBAL são algumas iniciativas de promoção da leitura levadas a cabo em Moçambique. Os três projectos, parecidos na sua essência, estiveram a partilhar os méritos das suas actividades durante o segundo dia da conferência “O livro em Moçambique: Cadeia de Valores”, evento havido em Fevereiro último no Centro Cultural Franco-Moçambicano, em Maputo.

Pela sua incessante luta de levar o livro ao leitor, independentemente de onde este esteja, as gestoras dos três projectos partilharam o mesmo painel para falar sobre “Educação e Sensibilização para a Cultura de Leitura”, um tema muito familiar para as três activistas, tendo em conta a sua experiência em forjar novos leitores, colocar o livro diante de

‘olhos virgens’ de leitura, sobretudo crianças marginalizadas e em zonas de difícil acesso.

Tal desiderato cumpre-se com a implementação de bibliotecas comunitárias – de todo o tipo e forma – conjugado com iniciativas de fomento de leitura através de jogos, saraus, contos, dramas, artes visuais, cinema, entre outras.

Estas (e outras acções) não têm outro objectivo senão proporcionarem o acesso ao livro; promover hábitos e competências de leitura, da expressão e compreensão verbal e escrita; contribuir para o desenvolvimento do espírito crítico e criativo; promover a transversalidade e interdisciplinaridade no processo de ensino e aprendizagem; bem como contribuir para o conhecimento da leitura como fonte de lazer, alegria e descoberta. Mas vamos por partes.

‘Chapateca’: um ‘chapa’ que tem livros como passageiros

A ‘Chapateca’, uma associação que, segundo Constance Fleury de la Ruelle, sonha para que todas as pessoas tenham acesso ao livro, uma das (des)motivações para a falta de leitura.

‘Chapateca’ não só empresta o nome à associação, como também é o próprio veículo usado para ‘acompanhar’ livros às comunidades. O nome sugestivo, diga-se, que cruza ‘chapa’, de chapa 100 (transporte semiolectivo) e ‘teca’, de biblioteca é dado a uma biblioteca ambulante que, como se percebe, alia a inovação, sustentabilidade e inclusão como fim último de promover a educação da leitura.

Então, como funciona? A fundadora e presidente da associação pergunta-se a si mesma, animada em contar a história da associação e, de facto, conta: a Chapateca desloca-se todos os dias para uma comunidade diferente. “Mas volta todas as semanas, nestes mesmos dias, na mesma comunidade, para trabalhar com as mesmas crianças”, prossegue.

‘Chapateca’ começou a funcionar com um acervo próprio, mas a Casa do Professor ampliou-o, permitindo que o projecto usasse os seus livros. Para além da Casa do Professor, que também actua na Matola, em parceria com outras instituições, a Associação Chapateca tem outros destinos semanalmente: “trabalhamos com a Associação Projecto Cidadão, em Boane; com a Skate Educação, em Kongolote; com a Associação Cultural Mujojo, na KaTembe e com a Cooperativa Repensar, na Macaneta.

Para esta associação, não basta ter carro (chapa), é preciso ter casa também. Daí que surge a ideia das ‘Kayatecas’. Trata-se de contentores reaproveitados que foram transformados em bibliotecas. Por que contentores? Torna a perguntar-se Constance, naquele seu falar ‘afrancesado’, mas perceptível e animado de se ouvir. E responde-se: “porque, muitas vezes, é mais barato e é mais fácil transformar um contentor do que construir uma biblioteca”, para além de uma consciência ambiental que o projecto tem.

A primeira ‘Kayateca’ foi projectada em Boane, no bairro Picoco, daí que esta é conhecida como ‘KayaPico’. O seu funcionamento coincidiu com o início do ano lectivo e espera, numa primeira fase, atender cerca de duzentas crianças. Mas porque nem todos têm condições de albergar um contentor (Kayatecas), houve necessidade de se criar as Minitecas, ou seja, Mini-bibliotecas que funcionam em frigoríficos danificados. Ideal para espaços reduzidos, as Minitecas funcionam, por exemplo, em Kongolote, que cruzando a actividade de ‘skate’ e a cultura de leitura.

“Estamos lá no mato”, avisa a orada com um tom de orgulho por se terem inspirado nas ‘girafas solares’ da Fundação Carlos Morgado para a implantação da ‘Girafa-teca’. Estas tecas têm a particularidade de permitir carregar telemóveis, ouvir rádio com uma Miniteca implantada no seu interior, com um **tablet** no armário mágico, que permite carregar revistas, ‘audiobooks’, filmes promocionais e outros conteúdos audiovisuais gratuitamente.

O primeiro ‘Girafa-teca’ está em Ka Tembe, no bairro de Incasane. Porque é em parceria com a Associação Cultural Mujojo é claro que só podia se chamar Moujoteca e um dos bónus é que, à noite, proporciona iluminação pública,

Engana-se quem pensa que as ‘tecas’ param por aqui. Ideias é que não faltam, pois ainda há mais lugares por desbravar. Uma ‘tao-teca’ ou ‘barco-teca’, por exemplo, é uma biblioteca no barco, que pode permitir alcançar lugares como Ilha de Inhaca. Mas não só, admite Constance, acrescentando que “aqui perto, em Marracuene, no Rio Incomáti, temos ilhas pequeninas, onde têm moradores, têm crianças, que não estão aprendendo a ler e a escrever em português.”

‘Txopelateca’, porque não, é um projecto em manga, que se espera ainda para o presente ano. E justifica-se: “seria uma biblioteca itinerante, também eléctrica, que permitiria garantir a rotatividade dos livros que colocamos nas minitecas.”

A rota de diálogo, a leitura interactiva, a escrita, a leitura livre e os jogos são alguns momentos-chave que o projecto Chapateca não dispensa na sua jornada ‘tediosa’ de promoção da leitura.

‘Mabuko ya Hina’, uma maleta de livros que viaja pelo país

A professora Ana Albasini também foi uma das painelistas que dissertou sobre “Educação e Sensibilização para a Cultura de Leitura”, incidindo, no seu caso, no projecto Mabuko ya Hina (nossos livros, em xiChangana), da Escola Portuguesa de Moçambique, do qual é coordenadora. É um projecto com a mesma visão da Chapateca: erradicar a iliteracia nas comunidades.

Há mais de 10 anos que o projecto sobrevive numa mala, ou melhor, cria bibliotecas escolares atribuindo malas de livros – bibliotecas móveis em escolas públicas e comunitárias do sistema de Ensino de Moçambique. Ao todo, são 10 escolas abrangidas – entre a cidade de Maputo e o distrito de Inharrime, em Inhambane – e 51 escolas com malas de leitura distribuídas em Maputo, Matola, Matutuine (província de Maputo), Chibuto (Gaza), Inharrime, Inhambane e Gorongosa (Sofala).

A primeira acção do ‘Mabuko Ya Hina’ foi em 2011, na Escola Primária Completa Polana Caniço A, em Maputo. No ano seguinte, foi integrada a biblioteca da Escola Primária Completa 12 de Outubro e, a seguir, mais bibliotecas foram apetrechadas. Só no ano passado, na cidade de Maputo, foram criadas duas bibliotecas – a Biblioteca da Escola Primária Completa Matchiki-tchiki e a Biblioteca da Escola Comunitária Amizades sem Fronteiras.

Em relação às malas de leitura, ou bibliotecas móveis, o projecto ‘Mabuko ya Hina’ soma 10 em cada intervenção. Desde 2011, já realizou cinco intervenções e espera, ainda neste ano, o ‘Mabuko ya Hina’ 6, destinado a 10 escolas da Ilha de Moçambique, em Nampula.

Recorde-se que o ‘Mabuko ya Hina’ 1 distribuiu, em 2011, 10 malas de leitura, sendo nove no distrito de Mapu-



to e uma no distrito de Matutuíne; em 2012, no 'Mabuko ya Hina' 2, as malas de leitura foram atribuídas aos distritos de Maputo, Matola e Matutuíne; o 'Mabuko ya Hina' 3 só foi executado em 2015, com 10 malas de leitura atribuídas às escolas do distrito de Chibuto, em Gaza. Em 2021, foi constituído o 'Mabuko ya Hina' 4, mas desta vez foram 11 malas de leitura, cinco para o distrito de Inharrime e seis para a cidade de Inhambane e as últimas malas foram constituídas em 2023 e atribuídas às escolas da Zona Tâmpão do Parque Nacional de Gorongosa, em Sofala.

"As malas [de leitura] saem da Escola Portuguesa já prontas e com o acervo catalogado e registado", elucida a coordenadora do projecto, acrescentando que a própria Escola Portuguesa de Moçambique acompanha o trajeto das malas. "Chegámos ao destino com as malas e damos formação aos professores, bibliotecários e procede-se à entrega formal às escolas."

'Mabuko ya Hina' preocupa-se essencialmente com a criação de bibliotecas e malas de leitura, mas ainda dinamiza uma série de actividades. Uma destas é o programa 'Amigos do Projecto Mabuko ya Hina', que possibilita a participação de voluntários. Outra componente muito forte do projecto, considera Ana Albasini, tem que ver com a formação de docentes e técnicos bibliotecários na dinamização dos momentos de leitura.

AIDGLOBAL: 20 anos dinamizando a leitura e o livro

Tal como a Associação Chapateca e o projecto Mabuko ya Hina, da Escola Portuguesa de Moçambique, a Associação de Acção e Integração para o Desenvolvimento Global, ou melhor, AIDGLOBAL, que actua na província de Gaza, promove o acesso ao livro e a cultura da leitura.

Trata-se de um trabalho que se realiza há 20 anos através da implementação do Programa Passaporte para a Leitura, em 2008, – que cria e apetrecha bibliotecas e promove actividades de animação da leitura e de capacitação de técnicos e professores. Aliado a este programa, desenvolve um modelo de biblioteca móvel – a Bibliotchova – com capacidade para transportar cerca de 100 livros, que tem como base um tchova (carrinha de mão) e se 'peregrina' por escolas sem espaço físico para acolher uma biblioteca.

Paralelamente a isso, AIDGLOBAL criou a Rede de Bibliotecas Escolares no Distrito Chibuto (RBEDC) – e esta boa acção permitiu o apetrechamento de 30 bibliotecas escolares compostas por 11 bibliotchovas, 10 malas de leitura, em parceria com o projecto Mabuko ya Hina, e 9 bibliotecas em edifício e já foram distribuídos 70 mil livros – e três bibliotecas municipais, nomeadamente, a Biblioteca Municipal de Chókwe, com cinco mil títulos; a Biblioteca Municipal de Chibuto, que recebeu também cinco mil títulos, e a Biblioteca Municipal de Xai-Xai, com oito mil títulos.

Para além das bibliotecas, a AIDGLOBAL dinamiza um projecto de animação da leitura, denominado 'Kula Na Wu

Djonza' (Crescer a ler, em xiChangana), que promove a leitura junto de jovens grávidas e recentes mães através da narração de contos moçambicanos, tanto em português como em xiChangana, enquanto aguardam pelas consultas pré-natais e de rotina no Hospital Rural de Chibuto.

"As sessões de animação da leitura são fundamentais para que, de facto, haja esta apropriação do livro e da leitura. Já fizemos, por isso, neste momento, 68 mil alunas e alunos beneficiam-se do acesso a livros através das bibliotecas", conta Suzana Damasceno, a última oradora do painel "Educação e Sensibilização para a Cultura de Leitura".

Ao todo, são 165 sessões de animação da leitura, sempre numa abordagem bilingue, incentivando as mães a "aguardar a consulta da criança sadia ou a consulta pré-natal". Durante as longas horas que estão à espera "contamos histórias – lemos uma história em língua portuguesa e uma em língua changana", para além de "várias actividades junto dos jovens das bibliotecas e das escolas onde criamos as bibliotecas."

Para além das sessões de animação da leitura, a associação dinamiza o projecto Educadores em Movimento – uma educação itinerante para a primeira infância, que se pretende a gestão dos serviços de educação para a primeira infância de forma sustentável nas comunidades para que "as próprias comunidades tenham competências necessárias para o desenvolvimento integral da criança em idade pré-escolar."

"Hoje, estão seis escolinhas a funcionar para crianças dos 3 aos 6 anos. São desenvolvidas actividades diariamente ao ar livre, assentes numa educação bilingue, apoia-

dos pedagogicamente na Unidade de Chova e muito bem lideradas por classes educadoras, mulheres das comunidades capacitadas para ser educadoras.

Aliás, esclarece Damasceno, foi no contexto deste projecto que a associação percebeu que era preciso criar recursos no âmbito da literatura infanto-juvenil tendo em conta a abordagem bilingue para apoiar o desenvolvimento de competências nas crianças, e, então, "fizemos a nossa primeira e bem-sucedida incursão pela edição de livros.

Mas engana-se quem julga que AIDGLOBAL só faz livros tradicionais, ou seja, editados em papel: "temos vindo a criar livros produzidos localmente com acesso a recursos materiais sustentáveis locais como saco de arroz, saco de farinha capulana, e outros", conclui.

Refira-se que a conferência 'O livro em Moçambique: Cadeia de Valores' aconteceu durante dois dias. No primeiro, os editores Dany Wambire (Fundza), Pedro Pereira Lopes (Gala Gala Edições) e Anne Lima (Edições Chandeigne) debateram sobre Modelos 'Económicos e Estrutura Editorial', por sua vez, Sandra Tamele (Presidente da Associação dos Editores e Livreiros de Moçambique), Tito Couto (Director do Festival Escritaria em Penafiel, Portugal) e Paulo Guerreiro (Livraria Conhecimento, Moçambique) falaram sobre 'Logística e distribuição'.

O evento aconteceu no âmbito do Projecto CULTIV'ARTE, iniciativa que pretende promover o sector cultural em Moçambique, sendo uma aposta da União Europeia, implementada pela Expertise France, em parceria com o Ministério da Cultura e Turismo. []





3ª EDIÇÃO

PRÊMIO
LITERÁRIO

mia
coutho

INSCRIÇÕES

11.Abr. a 12. Mai.

2025



Inscrição em
kulemba.org/plmc

Organização

Cornelder
de Moçambique

s.a.



Associação Literária
Kulemba



“São muitas as mulheres que escrevem, mas são invisíveis”

Texto: Dany Wambire

Foto: Candy Dauce

Teresa Manjate é, hoje, uma das mais importantes vozes da literatura moçambicana, sobretudo na pesquisa, crítica e ensino. Fez inúmeras pesquisas na área de Literaturas Africanas, Literatura Oral, Conhecimento Local, Semiótica e Cinema, e, pela sua competência, tem feito parte de corpo de jurados de inúmeros concursos literários em Moçambique e no estrangeiro, o que, de alguma forma, lhe permite emitir opiniões informadas sobre o curso da literatura moçambicana. Nesta entrevista, autora afirma que há muitas as mulheres que escrevem, mas são invisíveis porque ninguém fala sobre elas. E apela à mudança de mentalidade de todos os que estão por detrás daqueles que têm que fazer referência a essas escritoras.

Teresa Manjate é, hoje, uma das mais importantes vozes da literatura moçambicana, sobretudo na crítica e no ensino. Ainda se lembra de como entrou para a literatura?

Como eu comecei? Esta é a pergunta difícil, porque eu tenho que voltar muito atrás. Eu sou a quarta filha de um grupo de sete. Tenho três em cima e três embaixo. Os meus irmãos mais velhos são pessoas que gostavam muito de ler e sempre puxaram por mim. Acho que foi essa vantagem que eu tive de estar no meio.

Então, teve uma infância rodeada de livros?

Sim. Eu lembro-me que um dos primeiros livros sérios que eu li foi a *Cabana do Pai Tomás*, mas à parte deste livro, eu li muito *Buffalo Bill*, *Seis Balas*, aquilo que todos, na minha idade, liam. Os *Patinhas*, aquelas pimpinelas cor-de-rosa, não é? Que eram Corin

Tellado's (romances de amor cor-de-rosa) e um pouco de tudo que me caía nas mãos. Acho que o meu interesse começou por aí. Para além disso, eu vivia num lugarejo chamado Iapala, uma vila que era a base dos Caminhos-de-Ferro, muito perto de Ribáuè, na província de Nampula. Era um lugar muito pequeno, mas era um lugar que exigia um pouco, exigia ou sugeria, inspirava, motivava um pouco este ambiente de leitura. Em dias certos, penso que era às quartas e aos sábados, recebíamos jornais, a revista Tempo e livros através do comboio. Era sistemático: então tínhamos de ler para depois devolver à procedência.

E promoviam discussões à volta dos livros lidos?

Havia uma biblioteca, havia um clube que tinha uma biblioteca onde nós podíamos ler, onde podíamos trocar livros, onde



podíamos discutir livros. Igualmente, em Nampula, havia a biblioteca onde eu estudava. Havia interesse muito grande pela leitura e de ir à biblioteca. Acho que este contexto favorecia muito. Os meus pais, embora fossem pessoas humildes, muito humildes, eu acho que tinham consciência da importância da escola. Sempre nos motivaram a estudar, a ler, e sempre que nos encontrassem concentrados com um livro na mão, era motivo de elogio.

Penso que também teve contacto com tradição oral, com histórias à volta da fogueira. De que forma essa tradição a influenciou?

Não era exactamente à volta da fogueira. Tínhamos sessões de histórias orais, ou de provérbios. Aliás, eu acho que é onde fui buscar motivação para a minha formação, para a minha especialização, exactamente por estar neste contexto de literatura oral. Eu trabalho provérbios, literatura oral, acho que foi um pouco a motivação destes momentos, em que tive contacto com este universo do convívio com a palavra oral, com muita imaginação, e com muito envolvimento, porque às vezes éramos mesmo obrigados a cantar, a bater palmas para o narrador continuar a contar histórias.

A primeira figura nestas narrações é a minha mãe, depois o Sr. Arcanjo. Outra figura importante foi o meu avô. Ele tinha jeito para contar histórias. Contava-as como nas novelas; contava até um ponto para continuar no dia seguinte. À hora combinada, estávamos todos muito interessados em continuar a história, sentávamos à volta dele, e ele perguntava: onde é que eu parei? E retomava a narração. Eu acho que ele criava a história naquele momento. Enfim, eu tive estes momentos de contacto com a literatura oral.

E quando começa a trabalhar profissionalmente com a literatura?

Eu sou do Geração do 8 de Março. Quando fiz o 6º ano, determinou-se que tínhamos de vir a Maputo, tínhamos que deixar a escola e seguir o que fosse determinado. Eu fui para a formação de professores de Português, depois voltámos para as províncias. E, ao longo deste processo de formação de professores, fui-me interessando também pela literatura. Não sabemos muito bem quando é que o bichinho nos agarra, mas, nessa altura, fui-me dedicando cada vez mais à literatura. Quando chegou a vez da especialização, entre a linguística e a literatura, pesou mais a literatura. Talvez tenha sido influenciada por alguns dos meus professores. Lourenço de Rosário era o meu professor, e ele fez doutoramento em Literatura Oral. Se calhar, numa destas disciplinas que ele me deu, eu tenha ficado fascinada com a área. E fui buscar aquilo que eu mais gostava, que são os provérbios.

Foram muitas mulheres que deixaram a escola para aceder ao convite de '8 de Março'? Por outras palavras, as mulheres tinham facilidade de ir à escola?

Na sala de aula, no ensino secundário, o número de rapazes e raparigas era mais ou menos equilibrado. Eu penso, recuando um pouco, podia haver algum tratamento diferenciado, quando a menina era menos esperta, ou mais esperta, e os homens diziam, como é que ela pode ser melhor que eu? Mas não sentia algum desequilíbrio, senti isso como um desafio. Na universidade, era a mesma coisa, o número era equilibrado, meninas e rapazes. Podia haver uma pessoa que suscitasse, pelo carácter, comentários discriminatórios, mas não senti muito isso, até porque essa leitura exige um olho treinado.

Acompanhou, de perto, a trajetória de destacadas escritoras moçambicanas, como Noémia de Sousa, Lília Momplé, Paulina Chiziane, Sónia Sultuane e Lica Sebastião. Tem conhecimento das barreiras ou facilidades que estas autoras tiveram para se afirmarem?

Uma coisa que eu gosto muito de fazer é ler entrevistas. Ler e ouvir entrevistas. Tenho noção de que a Paulina Chiziane fez referência à dificuldade que teve de se enquadrar, de se sentir enquadrada, envolvida no ambiente masculino, quando começou a escrever.

E eu sinto, através da escrita dela também, que ela tem este olhar muito direccionado para a questão do feminino na sociedade. As mulheres na obra de Paulina Chiziane são mulheres que se afirmam, são mulheres que têm traumas, é a densidade psicológica destas personagens que nos mostram, que ligam a autora e as preocupações que ela tem. E então, aí posso incluir a componente de género, mulher, a condição da mulher na sociedade.

Também li entrevistas de Lília Momplé, nas quais dizia não ter muita consciência disso, mas que não pactuava com submissões, com servilismos.

E o que tem a dizer em relação às escritoras mais jovens?

Em relação às escritoras mais jovens, existe muita solidariedade feminina nos textos, há marcas fortes de solidariedade feminina. Agora, quando eu penso, por exemplo na Sónia Sultuane, na Lica Sebastião, na Hironidina Joshua, são senhoras muito mais contemporâneas, muito mais modernas, muito mais novas, e sinto que elas vêem a questão da mulher de outra maneira. É uma afirmação natural, é uma afirmação sem muitas marcas, é um estar mais em conformidade com elas próprias de aceitação. É uma aceitação, porque a condição humana está em conformidade com os contextos: são diferentes. Os contextos determinam o posicionamento dos sujeitos. Aliás, como também vão perceber que há posicionamentos mais diferentes, mesmo nos autores de sexo masculino.

Na forma e no conteúdo, como avalia a produção literária feminina desde que somos independentes?

Elas escrevem muito o seu próprio mundo, o doméstico. Mas, depois, começam a espreitar a rua, olham para a sociedade mais aberta, e começam a dizer, não, eu acho que isto está mal. Há memórias, é verdade, que as levam a pensar numa personagem da infância, e com quem dialoga para chamar a atenção para as diferenças sociais. Quando olhamos para a literatura de combate, que também tem vozes femininas, embora muitas vezes em anonimato, nós temos mulheres que olham para o seu mundo, mas ao mesmo tempo para o mundo fora de casa, para o mundo de mercado, no qual conseguem explorar outros aspectos das relações humanas.

No pós-independência, há uma continuidade do jogo entre o doméstico e a rua. Eu olho para o romance de Paulina Chiziane, *Niketche - uma história de poligamia*, em que o tipo de conflito se verifica na personagem Ramy, que está dentro de casa, olha o que está dentro de casa, vive o que está dentro de casa, vive a vizinhança, mas depois sai à rua, encontra a rua, encontra outros

universos, encontra outras instituições com quem dialoga, questiona, e ultrapassa, digamos assim, numa vontade de fazer uma viragem ao mundo que ela vê.

Mas, neste período, vejo outra literatura, a de Lica Sebastião, por exemplo, com um olhar mais tranquilo, em que não há esta intensidade de luta, mas há um aceitar. Ela não denega as diferenças, ela não denega o mundo controverso, o mundo paradoxal, o mundo cheio de diferenças, mas ela aceita mais. Quando ela fala da Mafalala, onde há pobreza, ela não luta contra esta pobreza, ela diz, a Mafalala é assim, é zinco, é ferrugem, é luto por causa do HIV. É como se abraçasse a realidade. Entretanto, quando leio Eliana N'Zualo, encontro uma vontade de conquistar espaços, com muito mais consciência do género, das diferenças, consciência de luta de outros lugares que ela também quer discutir.

Nos últimos anos, os cursos de literatura, sobretudo na UEM, tendem a ser frequentados mais por mulheres. Entretanto, aparentemente, estas não vingam na escrita, na edição ou no sector livreiro. Concorda com esta constatação? Se sim, por que será?

Quando me fazem perguntas sobre se as universidades moçambicanas têm mais meninas que rapazes, eu digo estudei em Lisboa e a minha turma também era assim, tinha mais mulheres que homens, num curso de pêndulo literário. E também há mais mulheres na universidade hoje. Se pegarmos nos indicadores, a tendência numérica de mulheres na universidade começa a ser galopante. Em todos os cursos, medicina inclusive. Há mais mulheres a fazer medicina do que homens. Há muita presença de mulheres na escola, mas nos empregos, já não. A empregabilidade é mais masculina, os homens têm mais, facilmente, empregos. Mas isso é um fenómeno global.

Mas, no nosso contexto, não acha que o cenário é mais grave!

Pode ser mais agravado, porque nós, as mulheres, temos mais dificuldades em aceder à escola, desde o ensino primário. Se um pai pais tem dificuldades de pagar a escola para todos os filhos, a sacrificada é sempre a menina. Mandam o rapaz para escola e deixam a menina em casa. Depois, temos os problemas das gravidezes prematuras e indesejadas. Há muitos fenómenos com o potencial de criar disparidades.

Em muitos concursos literários para alunos do primário e secundário, há uma larga participação e distinção das raparigas, mas a pirâmide se inverte nos concursos que envolvem estudantes universitários, há poucas mulheres. Consegue dar uma explicação para este fenómeno?

Ora, em relação à afirmação das mulheres no panorama literário, eu não sei se eu vou concordar com isso ou que elas não escrevam. Eu, há um pouco de tempo, li uma obra de uma pesquisadora brasileira, Silvina Santiago, que fez uma investigação por cá. Ela fez uma espécie de cartografia da escrita feita por mulheres e encontrou um número de escritoras que me espantou. São muitas as mulheres que escrevem, mas são invisíveis. Porque ninguém fala sobre elas. Então, temos que pensar nas mentalidades dos que estão por detrás daqueles que têm que



fazer referência a essas figuras, a essa escrita, ainda que incipiente, ainda que tacanha, ainda que tímida.

E quem são essas pessoas?

São pessoas de toda a cadeia do valor do livro. Temos que começar a partir da pessoa que escreve e passa até ao leitor final. E nós temos que acompanhar esta cadeia do livro com intervenções muito práticas. Quer a nível do ensino, quer a nível de movimentos sociais, quer a nível da publicação, da edição, da criação de prémios, até da pesquisa para identificação dos nós de estrangulamento. Tudo isto faz parte da cadeia da vida do livro. E quando quebra um elemento, quando há uma ruptura, então a cadeia não está a fluir. Há um nó de estrangulamento.

Vou insistir na questão. A cadeia do livro é uma coisa extensa. Por onde se pode começar para que as mulheres tenham mais visibilidade?

Publicação efectiva. Publicação. É verdade que começam a haver mais editoras. Se o meu olhar não estiver errado, nos últimos cinco anos nasceram muitas editoras. É preciso alimentá-las. É trabalho das editoras também ir à busca. Se é trabalho do escritor ir à procura, e às vezes sem sucesso, porque não há financiamento, a editora também tem que ir à busca desses valores identificados. Eu acho que é uma procura mútua. E depois, há outra coisa que também é muito importante.

As editoras queixam-se da fraca sustentabilidade do negócio. Não se devia investir nos leitores?

Nós não somos bons leitores, não temos estímulos para ler, o livro está caro. E, se calhar, também por conta das dinâmicas formativas na nossa trajectória como estudantes. Entretanto, eu conheço muitas pessoas que não passaram pela escola e são leitores exímios, incansáveis e insaciáveis. A depender do contexto dos ambientes criados, é possível que surjam bons leitores.

E como se pode corrigir essa situação?

Temos que fazer mais perguntas: Por que as crianças não sabem ler? Quem as ensina? Que oportunidades teve essa pessoa? Sobre as publicações, podemos perguntar: Quem publica?

Quem determina a qualidade é quem faz a qualidade. Nós temos que fazer este estudo desprendido, de forma intensiva, mas incisiva, para percebermos, para até para alimentar quem faz as políticas.

Às muitas perguntas que faço, penso que devem ser respondidas depois de uma pesquisa. Do mesmo jeito que as ONGs fazem, pois deve ser profícuo. Quando elas pretendem propor a introdução de determinados produtos fazem pesquisas. Se isso resulta para a agricultura ou na saúde porque é que não pode resultar para a leitura? Então, nós temos que aprender dinâmicas novas para resolver problemas antigos.

Seguindo esse diapasão, talvez seja necessário saber se as pessoas deixaram de ler ou lêem nos telefones.

Provavelmente lêem através dos telefones ou da internet. Se essa hipótese vingar, a questão que eu queria colocar é: qual vai ser o lugar, eventualmente, da internet, do telemóvel na promoção da leitura?

Para fechar, gostaria de dizer algo que não lhe tenha perguntado?

Tenho duas coisas a dizer. A primeira é que eu queria dar os parabéns a todas as mulheres. É necessário que haja um reconhecimento, que haja um dia para reflexão, um mês para reflexão, porque o que nós vivemos é desigual. Há universos onde as mulheres têm problemas de afirmação, mas há outros em que os problemas são mais arrefecidos. Há muita violência baseada no género. Talvez seja bom nós falarmos destas coisas e marcarmos um dia de debate para ouvirmos o que as mulheres pensam sobre as mulheres e que os homens pensam sobre as mulheres. Também podemos ouvir o que as crianças pensam sobre a condição feminina e sejam obrigadas a questionar o mundo. Assim estaremos a criar mecanismos para uma optimização da condição da mulher.

E qual é o segundo aspecto?

Começa a aparecer muita literatura infantil e tenho a impressão que a maior parte das pessoas que escreve literatura infantil são mulheres. Por que será? Eu não tenho resposta, mas com isso não quero dizer que não é uma coisa boa, para mim é excelente, porque é um caminho que nós encontramos com mulheres para passar informação, para passar emoções, sentimentos, visões, essas coisas nossas, esse destino nosso de transmitir. []



Quando a literatura é uma missão colectiva

Texto: *Eduardo Quive*

O espaço literário moçambicano é hoje feito de diversidade, mas nem sempre foi assim. Até o princípio do século XXI, Paulina Chiziane e Lília Momplé passeavam desacompanhadas nos eventos e no debate. O cenário foi mudando e nos últimos anos fazem-se as contas de somar quanto à presença de mulheres a fazer literatura. Destacamos aqui as que abdicam do isolamento da criação, para criar espaços para que outras vozes, outros textos, outros nomes emergam e ocupem um lugar que, não sendo vago, carece de multiplicidade.

Se abrirmos hoje a cortina do palco da literatura moçambicana, estes nomes, provavelmente, estariam na boca de cena: Sandra Tamele, Virgília Ferrão e Deusa d'África. Há mais, obviamente, mas temo-las como amostra da sempre

complicada tarefa de fazer literatura com os outros e um pouco pelos outros, isto é, abrir o palco para que os outros se possam beneficiar. Podemos chamar de activismo literário o que elas fazem por inconformismo, paixão ou vocação.

Traduzir e tornar acessível

Sandra Tamele, tradutora e editora da Trinta Zero Nove, partiu das complexidades da sua história familiar marcada por uma união de culturas – Tamele é filha de mãe quimwane e pai machangana, e tem o português como língua materna – para a paixão por línguas. Leitora ávida e poliglota desde tenra idade, que encontrou nos livros acesso a outros mundos. Um privilégio que achou ser importante alargar a outros moçambicanos, em primeiro lugar, ao traduzir do inglês e italiano.

“O meu primeiro projecto de tradução foi o romance *Io non ho paura (Eu Não Tenho Medo)* de Niccolò Ammaniti que narra na perspectiva de uma criança sobre um sul de Itália em muitos aspectos similar ao sul de Moçambique. Foi o que me motivou a continuar na tradução e trazer esta e outras histórias que barreiras linguísticas tornam inacessíveis a muitos leitores”.

O fosso salarial e a ausência de perspectivas de progressão de carreira levaram Tamele a abdicar do exercício da Arquitectura, dedicando-se à tradução comercial a tempo inteiro até à publicação da primeira obra por si traduzida. Aí percebeu que havia um território vazio, também feito de invisibilidades.

“Se olharmos, retrospectivamente, 10 anos constatamos o quão raro – até ao movimento #namethetranslator – era encontrar o nome do tradutor na capa de uma obra traduzida. Com casos gritantes de obras claramente publicadas em tradução - porque o escritor não sabe nem escrever em português - no entanto, o nome do tradutor não consta em parte nenhuma do livro”.

O inconformismo com o estado das coisas trouxe-a em definitivo para a tradução literária que compreende, já nessa altura, que tinha de ser uma missão que envolvesse os outros, iniciando assim o concurso de tradução.

“Decidi pensar uma forma de promover este amor que é simultaneamente pela leitura, pelo conhecimento de outras línguas e pela tradução. Comecei a desafiar jovens tradutores amadores com o intuito de incentivar uma nova geração de profissionais e garantir continuidade num mercado com profissionais em envelhecimento e pouca renovação”, conta Sandra, que pretendia cativar principalmente mulheres a começarem a traduzir e profissionalizarem-se. “No concurso, os concorrentes eram desafiados a traduzir contos. Os pré-

-seleccionados seguiam para a fase de oficinas de tradução e, posteriormente, para a parte de edição e polimento das traduções para publicação”.

Um mergulho na realidade literária moçambicana, conhecendo autores da nova geração que os classifica como “vibrantes” quanto ao seu talento, levaram-na a traduzir inicialmente três autores publicados pela editora Cavalo do Mar.

“Internacionalizar a literatura contemporânea moçambicana é um desafio, porque passa por publicar em língua inglesa – a língua franca – um mercado enorme, mas onde apenas 4% da literatura é traduzida.” Assim sendo, Sandra Tamele fundou a editora Trinta Zero Nove, inspirada no 30 de Setembro, Dia Internacional da Tradução. “A editora é fruto do concurso de tradução que eu criei em 2015, porque ao fim de três edições consecutivas, tínhamos uma série de histórias de várias partes do mundo e inéditas em tradução portuguesa, que nenhuma editora estava disposta a publicar, porque desconhecia os autores, porque era questão de tradução, etc.”, conclui a editora.

Estórias de outros planetas

Virgília Ferrão é uma voz que se destaca na literatura contemporânea. Com uma voz e estilos particulares, com três romances publicados, feito alcançado por poucas autoras - está apenas atrás de Paulina Chiziane - ocupa um lugar visível num universo repleto de “estrelas” masculinas. Também os temas que debate na sua escrita, que vão desde o policial até às tradições, muitas vezes confrontadas com a modernidade, constituem um diferencial. Essa é a essência de Virgília Ferrão e é nela que se conduz até no trabalho que desenvolve, quase como activista, na edição e publicação de outras histórias, com pouco espaço no já, por si, diminuto mercado editorial moçambicano.



Sandra Tamele



Virgília Ferrão

“Existem géneros literários que ainda têm muito por ser explorados na nossa literatura. Vozes a serem ouvidas. Acessos a serem ampliados ou criados”, explica a editora, para, a seguir, partilhar um projecto que está a preparar, “antologia composta exclusivamente por mulheres, que se desafiaram a escrever contos de thriller/suspense”.

Em 2021, Virgília Ferrão organizou e publicou, no inédito cenário literário moçambicano, uma antologia de contos de estilo ficção especulativa de autores africanos - na sua maioria moçambicanos. Foi aí que se tornou visível um projecto que começou anos antes, na verdade, através do blogue *Diário de uma Qawwi*, criado para promover a escrita e publicação histórias de ficção especulativa, esse género literário que nos leva à invenção do mundo, ou seja, a literatura sobre o mundo não realista. “*Espíritos Quânticos – Uma jornada por entre histórias de África em Ficção Especulativa*” - a antologia de que nos referimos -, reuniu 32 contos com igual número de autores, deixa nítido ao que veio o trabalho de Virgília Ferrão.

A antologia teve um segundo volume, em 2024, com a publicação de mais 32 contos. No mesmo ano, através de *Diário de uma Qawwi* saiu o livro “Sob placas tectónicas”, de Lilly Maxwell. É a consolidação de um projecto editorial que coloca uma escritora, que já se afirmou pela sua qualidade, como uma editora de outros autores. Virgília Ferrão anima-se com esta ideia, ao ponto de afirmar que ter “uma flor é bom, duas ou três, é ainda melhor”. Ao estender a mão ao outro, acredita Virgília Ferrão, está-se “a construir a comunidade literária onde nós próprios estamos inseridos, e consequentemente a criar um ambiente mais rico para todos”.

Outros circuitos literários

Deusa d'África nasce no contexto do movimento literário que colocou a província de Gaza na agenda literária nacional. Com todo o trabalho que desenvolveu, sobretudo segurando as bases da Associação Cultural Xitende, agremiação que tinha a publicação literária “Xitende”, Deusa dinamizou a literatura em Xai-xai, fazendo-se conhecer como um colectivo, em detrimento de uma carreira a “solo”. E foi sempre em consciência e entendimento de que literatura é um bem comum.

“Toda a arte subsiste quando temos um colectivo que exerça papéis diversificados e sente-se parte da mesma”, defende a poetisa, que olha para a literatura como um lugar de pertença de todos, enquanto um povo, e cabendo a quem tiver essa compreensão ajudar os outros fruir deste legado que se tem vindo a construir desde os primórdios da nossa literatura.”

Dando voz aos seus próprios poemas, numa efervescência enquanto declamadora, todos conheciam a Deusa em palco. Mas era um palco que ela própria construiu, enquanto organizadora dos saraus culturais, juntando, mensalmente, jovens e adultos de todos os estratos sociais para conjugar o verbo Poesia, numa miscelânea com outras artes. Corriam os anos 2010. E ainda coordenou o Festival Internacional de Poesia com sete edições já realizadas, que movimentou escritores nacionais e estrangeiros para a província de Gaza. Com estas iniciativas, abriu um outro circuito literário em Moçambique.

Num país em que as dificuldades são de vária ordem, a aposta na literatura parece um capricho. Deusa d'África não se resigna às complicações no entendimento entre o que importa e o que é necessário, remando sempre contra a maré “Desafios são vários quando escolhemos fazer algo para o outro. O primeiro é o de fazer o outro compreender a relevância do que fazemos. E é ainda maior quando se trata de fazer a literatura, que é vista como uma arte que não produz resultados materiais”, desabafa a activista, que se atribuiu a missão de fazer entender aos outros sobre a importância da literatura.

Porque a literatura moçambicana, segundo Deusa d'África, “não tem quem vele por ela”, a activista alerta aos escritores para fazerem mais alguma coisa, para além do exercício da escrita. Se o autor cingir-se à atividade exclusiva de escrever e não promover a leitura, incorrerá ao risco de escrever para si”, encerra a poetisa. []



Deusa d'África



>>>>

Livraria FUNDZA.

Não encontrou o livro que procura? Nós trazemos para si!

Além de uma selecção de títulos moçambicanos, encomendamos livros de editoras da África do Sul, Brasil, Inglaterra e Portugal.

Fale connosco e peça já o seu!

.....

@ comercial@fundza.co.mz (+258) 87 4710 104

f @fundzalivraria





Angelina Neves: o perfil de uma mulher que há meio século publica *infanto-juvenis*

Texto: José dos Remédios

1 62 anos depois da Tomada da Bastilha, Teresa Pacheco e Américo Neves tiveram a primeira de cinco filhos. O tão aguardado parto aconteceu na manhã do dia 14 de Julho de 1951, numa pequena casa de saúde, nas proximidades do então Hospital Miguel Bombarda, na Cidade de Lourenço Marques (Maputo). À nascença, a bebé chorou como tantos outros recém-nascidos, ora dando sinal obrigatório de vida, ora, como os franceses nos dias da “Liberdade, fraternidade e igualdade”, soltando berros de euforia.

A primogénita do casal foi baptizada com o nome de todos os avós, Angelina Malta de Matos Pacheco Neves. O primeiro nome foi dado em homenagem à avó paterna, na altura já falecida.

A capital moçambicana sempre foi o chão de Angelina Neves, onde, além dela, nasceram duas irmãs, e onde já tinha nascido a sua mãe e para onde veio a sua avó materna ainda bebé. O pai era militar português, que, ao chegar a Lourenço Marques, não resistiu aos encantos de Teresa Pacheco. Pouco tempo depois, por razões profissionais de Américo Neves, o casal já com duas filhas, mudou-se para São Tomé e Príncipe, onde tiveram mais dois filhos.

Nas Ilhas maravilhosas, à semelhança de Lourenço Marques, Angelina Neves teve uma infância alegre e muito divertida. A experiência naquele “paraíso” africano foi há décadas, mas, aos 73 anos de idade, ainda celebra o ambiente acolhedor, as roças,

as pessoas simpáticas e o tão estimado sentido de liberdade, igualmente merecedor de quem nasceu no Dia da Bastilha.

Ao fim de quatro anos em São Tomé, a família Neves regressa a Lourenço Marques, a tempo de Angelina, aos 7 anos de idade, ser matriculada na Escola Primária Rainha Santa Isabel (actual 3 de Fevereiro, Cidade de Maputo), do lado das raparigas, pois, no dos rapazes, chamava-se Escola Rebelo da Silva.

Nessa altura, nasceu a irmã mais nova, também com um nome começado pela letra “A”, pois o pai assim tinha decidido, para que fossem os primeiros avaliados nos exames (chamadas orais).

Essa foi uma época cheia de muita imaginação, estimulada pelas histórias fascinantes que Angelina e os irmãos liam nos livros ou contadas pela mãe. Era assim todos os dias. Depois do banho, as crianças reuniam-se no colo materno para viajar por outros universos, prováveis e fantásticos. Mas a experiência não durou muito tempo. Aos 9 anos de idade, Angelina Neves perde a mãe, vítima de doença. Como não poderia deixar de ser, foi um momento difícil para a família, em particular para as cinco crianças que, carinhosamente, foram acolhidas na casa dos avós maternos. O avô António Pacheco, um médico de renome na altura, tinha imensos livros na sua biblioteca pessoal. Também por isso, nunca faltou aos netos a possibilidade de viajarem por outras dimensões, evidentemente, através da literatura.

Desde nova, Angelina Neves sempre foi tranquila e paciente.

Além das brincadeiras típicas da infância, cresceu gostando de prestar favores aos outros. No entanto, se algum adulto julgasse que podia mandar nela, dando ordens desagradáveis, recusava-se sob qualquer ameaça. Até porque era muito teimosa, quando achasse que tinha razão.

Aos 13/14 anos de idade, Angelina Neves foi estudar para um colégio de freiras localizado em Boksburg, como não gostou, no ano seguinte, foi para outro colégio de freiras, em Belgravia, nos arredores de Joanesburgo, na África do Sul. Novamente, não lhe agradou a estadia. As duas instituições tinham demasiadas regras para quem estimava a liberdade, a fraternidade e a igualdade. Mal terminou o quinto ano (agora 10^a. classe), voltou para fazer o sexto e o sétimo (agora 12^a.) na sua estimada Lourenço Marques, trabalhando durante o dia e estudando à noite.

Por mais que gostasse de contar e escrever histórias, nos 60 e 70, confessa, nunca poderia sequer imaginar que iria publicar 40 livros para crianças. Tudo aconteceu de forma orgânica, obedecendo aos desígnios do tempo.

Em 1975, Angelina Neves torna-se Secretária do primeiro Presidente da República, Samora Machel, e, enquanto exercia tal função, foi convidada a participar num livro, intitulado *O coelho e o macaco e outros contos* (1978), uma colectânea de histórias de vários autores. Foi a sua estreia em livro, até porque, há 47 anos, a autora percebeu que, no país, havia um vazio, em termos de produção infanto-juvenil, que era urgente resolver, pois os contos sempre foram uma parte muito importante da sua vida.

Na Presidência da República, Angelina Neves trabalhou por 10 anos. Em 1985, portanto, um ano antes do fatídico acidente em Mbuzine, deixa de ser a secretária de Machel e vai trabalhar no Jornal Domingo, encarregada do suplemento infantil, o Njingiritane. De outro modo, muito provavelmente, teria sido uma das vítimas mortais na queda do Tupolov-134 em que seguia o Marechal, no regresso da Zâmbia.

A uma das mais notáveis tragédias de Moçambique, Angelina Neves escapou, mas, mesmo assim, teve dias terríveis. Afinal, como moçambicana convicta, e num tempo em que as convicções moviam o patriotismo, perdeu antigos colegas, amigos e, sobretudo, o seu presidente por quem tinha muito respeito e estima.

Como consultora fez trabalhos para a UNICEF, Associação Progresso, Associação dos Aposentados, Secretaria de Estado da Acção Social, FAO, Associação dos Deficientes Moçambicanos, Save the Children, Cruz Vermelha, sempre dirigidos à criança, ilustrando e escrevendo panfletos, programas e livros infantis.

Apesar de ter deixado a Presidência da República, Angelina Neves, que se orgulha tanto de ter visto o país nascer, continuou a trabalhar em prol dos interesses dos moçambicanos. No contexto da assinatura do Acordo Geral de Roma, determinante para o fim da Guerra dos 16 anos, com vários artistas, como Chico António, Zé Maria e Ana Magaia, participou de um programa da UNICEF, o "Circo da Paz", dirigido às comunidades, como forma de estimular a reconciliação, a unidade e a paz. Colaborar com artistas sempre fez parte do seu dicionário. Foi membro da As-

sociação Cultural Txova Xita Duma, por onde passaram grandes actores moçambicanos, emprestou as suas habilidades à parte administrativa, mas não no palco! Que a Angelina nunca teve coragem para tais aventuras. A literatura, sim, é a sua grande paixão nas artes. Por isso mesmo, quando se lembra de que há 47 anos chegou a editar livros com 10 mil exemplares, e achavam poucos, percebe que hoje as pessoas lêem de outra maneira. No passado, considera, "havia mais interesse pela ideia de incentivar a leitura do que agora. Os livros não ficavam nas livrarias, eram financiados e distribuídos por organizações que trabalhavam com crianças, iam ao encontro do público". Por isso recomenda: "Temos de arranjar outra forma de ganhar leitores".

Para Angelina Neves, o acto de escrever é uma forma de regressar à sua infância, ao que aprendeu e gostou, "porque isso fica sempre na nossa cabeça, na nossa memória". Talvez, por causa da responsabilidade, fica sempre um pouco apreensiva, com as dúvidas se os adultos vão gostar ou não da história proposta para as crianças!

A propósito de histórias para crianças, Angelina Neves tem um original fresquinho, mais infantil que juvenil, intitulado *Há coelhos especiais*. Essencialmente, a escritora reúne pequenos contos que revelam como é oportuna a esperteza do coelho, que supera adversidades sem se tornar violento. É um livro com provérbios e cenários para estimular a criatividade das crianças.

O projecto de livro ganha consistência quando, ano passado, a autora viu o anúncio da chamada literária da Editorial Fundza. Aproveitando-se do contexto social e político, com manifestações e protestos, Angelina Neves decidiu escrever um livro em que, ao invés da violência, que detesta, explorasse a esperteza do coelho como cenário inspirador para que as pessoas acreditem que tudo é possível. "As pessoas deviam ser como coelhos, que, mesmo não tendo armas, conseguem dar a volta aos seus problemas [sem derramar sangue]".

Todas as histórias de *Há coelhos especiais* transmitem alguma lição. Aliás, defende a escritora, "todos os contos deviam ter ensinamentos que sirvam para alguma coisa". Trata-se de um livro onde a autora vai buscar inspiração em alguns contos tradicionais e os adapta a uma nova realidade. Como todos os livros que escreveu, este deu gozo à autora durante o processo criativo (alguns dos outros livros: *Eu sou a Joana*; *O meu gatinho*; *Eu e o piloto*; *O cão e o gato*; *A banana vaidosa*; *Boa noite*; e *As prendas*).

Há coelhos especiais, que será lançado em breve pela Fundza, foi escrito na Ponta de Ouro, onde a autora vive há 11 anos. A cerca de 100 quilómetros da Cidade de Maputo, Angelina Neves, mãe de dois filhos vindos de si, e dois filhos adoptivos, é avó de seis netos, explora essa queda pela praia e pelas suas possibilidades. Também lê o essencial, o suficiente para considerar que o país possui vários autores a escreverem bonitos infanto-juvenis. Portanto, a escritora vive num ambiente sossegado, favorável à leitura e à escrita. Com a comunidade circundante, inclusivamente, desenvolve projectos e apoia com o que pode. Claro está, as crianças fazem parte de tudo: são o princípio e a finalidade. []



“As mulheres do meu país” literário

Texto: Sara Jonas Laisse

À guisa de um introito

Maria Lamas escreveu o livro *As Mulheres do meu país*, nos anos 50, demonstrando que as mulheres portuguesas eram mais do que a caracterização de “domésticas” que lhes cabia. Revelou que eram pessoas de trabalho, contrariamente às ideias pejorativas que havia, a seu respeito, no seu contributo para a vida de famílias ou de um país. Foi no título do seu livro que me inspirei para celebrar as escritoras do meu país, em comemoração do “dia da mulher”.

A par de outras duas colegas de profissão, tenho andado a recensear a literatura de ficção da lavra de mulheres moçambicanas. Constato que têm sido empreendedoras, mais do que, preconceituosamente, se afirma e muito mais do que o silenciamento as relega.

No que à produção em livro diz respeito, em “Mulheres em trânsito”, no Congresso Alda Lara, em Lisboa, em 2019, Ana Ma-falda Leite e eu, destacamos a existência de 35 mulheres. No mesmo ano, no seu livro intitulado *Cartografias em construção: algumas escritoras moçambicanas*, Ana Rita Santiago, pesquisadora brasileira, revelou existir esse mesmo número de escritoras. Numa pesquisa para apresentar uma palestra designada “Literatura Moçambicana: rastros e rostos da última década – 2010/2020”, na Associação de Escritores Moçambicanos, em 2020, consegui recensear 44 escritoras. E, numa outra recolha que realizei em 2023, a fim de apresentar uma comunicação no SINALLIP- 2023, um evento literário brasileiro, anotei 71 nomes de escritoras. Esse trabalho ainda está em actualização; até porque, me consta a edição de mais obras de lavra feminina. Devo referir que cada um desses levantamentos vai adicionando à lista existente, novas entradas.

É na sequência da ampliação dessa lista, reitero, ainda em actualização, que abordo, neste texto, o trabalho realizado na antologia *Blasfêmeas: sangue e poesia (Blasfêmeas)*, organizada pela Gala-gala edições; que colige trabalhos de dezoito mulheres,

das quais, três já têm livro publicado. Abordarei ainda a obra intitulada *Recortes de mim desse tal de amor*, publicada pela Chiado Books, ambas tiveram a sua apresentação pública no presente ano.

Levantam-se, andam e suplicam que não lhes tirem a arte

Blasfêmeas: sangue e poesia é a sexta antologia publicada pela Gala-gala Edições e organizada por Pedro Pereira Lopes; sendo a segunda exclusivamente dedicada a disseminar trabalhos de mulheres. A primeira obra, nesse sentido de exclusividade, foi editada em 2020 e leva o título de *Carta para os filhos de Adão* um e-book. Depois da independência, essa foi a primeira editora a publicar uma antologia de autoria apenas feminina. Destaco o género das mãos que escrevem os textos, porque, realizar um exclusivo desses revela-se importante e urgente, não só em Moçambique, como em muitos lugares do mundo.

A antologia acabada de referir foi editada em função de uma chamada para publicações para autoras sem livro publicado. Os trabalhos coligidos, nessa obra, foram aferidos do ponto de vista da sua qualidade e escolhidos, dentre outros que não estavam em condições para publicação, obviamente. Constam dela, mulheres que são publicadas pela primeira vez: Adelina Afonso, Camila Chilaúle, Cecília Mabjaia, Yanissa Khan ou Drofth Suhura, Ester Chiziane, Ivânia Paquete, Lasmim Caminho, Marlen dombo, N'wantsukunyani Khanyisani, Nívia Massango, Regina Nhamuchua, Samira Longamane, Saquina Pancrácio, Tatiana Muianga, Tulipa Negra e Hera de Jesus, vastamente antologizada noutros contextos. Nesse mesmo livro há textos de Merciana Uamba e Kaya M, autoras com livro publicado.

Segundo Pedro Lopes, na sua nota de apresentação deste livro afirma tratar-se de “um manifesto poético, um convite à celebração da mulher que, por meio da poesia, desafia regras, rompe silêncios e revela a sua presença num mundo dominado pelo patriarcado”. O título é sugestivo, porque, sendo um trocadilho, marca e grito de mulheres, essas “blasfemas”, que ousam

desafiar um mundo real e de escrita literária dominado por homens. Além disso, trata-se de um título revelador da obra dessas mulheres – as fêmeas.

A Obra e suas temáticas

Essas mulheres são inspiradas pela obra de Noémia de Sousa, a mãe de todos os poetas moçambicanos, mulher, também irreverente na sua escrita e no alerta para que o mundo seja um bom lugar para se viver. É, também, claramente, esse o posicionamento de Maria Lamas, acima mencionada. É possível verificar-se sugestões disso nos textos das nossas antologias que, não tendo realizado um trabalho com uma mesma temática, têm o denominador comum de sugerir um grito contra as amarras da exclusão ou da dominação do mundo pelo gênero masculino ou masculinizado.

Digo masculinizado, porque, do que se sabe ou pode aprender sobre as lutas pelos feminismos é que há algumas pessoas que incentivam o afloramento da feminilidade, num mundo em que as mulheres sejam isso mesmo que a biologia lhes permitiu ser, mas que tenham direitos tão humanos quanto os homens. Explico esta aproximação remetendo o leitor à leitura do poema “estamos entregues” de Regina Nhamuchua, no livro *Blasfêmeas: sangue e poesia* que afirma:

“Não sou Barbie das tuas expectativas/Sou a mulher das minhas realidades/ E chama-me **Shaka Zulu**/pois quebrei todas as correntes/e vou construir o meu próprio império de padrões/ porque no meu corpo, sou o meu próprio padrão! ... E conduzo o meu Mercedes Benz/ Ao lado de quem conduz um Freightliner de mente!” *Blasfêmeas*, p. 75. [o sublinhado é meu].

O sujeito poético no excerto acabado de mencionar quer a sua afirmação enquanto pessoa e ser respeitado por tal. O mesmo o faz o sujeito no poema “caminhos” de Saquina Pancrácio que afirma “suplico em silêncio que me abram/para sair e voltar a voar/... **Não sei andar com os pequeninos pezinhos que tenho/ mas posso voar com as grandes asas que, só as criei/** para poder voar quando não mais pudesse andar” [...]. *Blasfêmeas*, p. 87. [o sublinhado é meu].

Existem, entretanto, outras mulheres que não usam esse direito. Aceitam a subjugação, mesmo sabendo que podem ter um destino melhor ou por outra, actuam de modo masculinizado ou o comumente chamado de dominação patriarcal.

As antologias de que tenho vindo a falar agem, tal como o sugeriu Noémia de Sousa: “levantaram-se e andaram”, sujeitaram-se à uma chamada de textos, para poderem publicar. E colocam o mesmo tipo de pensamento nos sujeitos ou sujeitas de enunciação dos seus textos, ie, sujeitos/as contestatários/as.

Passo, nessa sequência, a revelar, em linhas muito breves, o que suplicam. A ordem de enunciação dos textos foi feita por agrupamentos de significação. Esses grupos não fazem paredes estanques uns com os outros, dialogam no sentido de similaridade de temáticas.

Do trabalho de Ivânia Paquete, cuja poesia é rente ao labor da poetisa que inspira a antologia, num dos seus poemas inti-

tulado “procura-me”, a autora, como que a desejar dizer: “Se me quiseres conhecer”, tal como Noémia de Sousa, afirma: “Procura-me”, sugerindo, se te aproximares, irás conhecer-me na minha perfeição e na minha imperfeição. Sou humana. *Blasfêmeas*, p.37.

Segue-se, após esse aviso um grupo de autoras que trabalharam a temática do grito, para que se dê voz e lugar à mulher e, passo a mencionar:

Adelina Afonso, em “Costa do sol” sugere o pedido de liberdade para seguir a vida. Junta -se esta autora Hera de Jesus, quando no seu poema intitulado “queremos, apenas, ser mulheres” revela: “Era uma vez.../mulheres/ que apenas/queriam ser mulheres/num mundo/cruel para mulheres. *Blasfêmeas*, p.43.

Por outro lado, e porque, provavelmente, a educação da rapariga devesse ter componentes mais complexas, Lasmim Caminho adverte, através do seu poema com o título “meu período, meu corpo, meu futuro”, que ao iniciar o seu período, é dito à rapariga que ela “cresceu”, nada mais sobre outras questões inerentes ao seu futuro de mulher. Daí ela alertar: “pois, eu sentia-me exposta, presa sem portas/ num mundo de padrões [...]”. *Blasfêmeas*, p.51.

Marlen Dombo dá voz aos excluídos: mudos, sonâmbulos, os que choram e às mulheres, convidando-os “a serem fortes o bastante, para gritar num ambiente no qual ninguém os ouve num lugar para deitar a gravata” [...]. *Blasfêmeas*, p. 57. Quem também grita, com recurso ao seu sujeito poético e rejeita o lugar do silêncio da mulher é Merciana Uamba, que em “memórias de um não parto” coloca um sujeito poético que suplica por um colo para falar sobre os seus desejos, não se anulando. O que sugere, esta autora é que as mulheres não têm que viver como se fossem de aço. Têm sentimentos, tal como qualquer humano. *Blasfêmeas*, p. 63.



Outras mulheres, neste livro, se preocupam com um país que é sugestão de Moçambique:

Adelina Afonso, diz em “síndrome de Pemba”: “[...] “Onde pés tenebrosos perscrutam o Wimbe/Em busca de um novo porto/ “Sou persuadida todos os dias/a cá permanecer por mais um dia/ ou quando em “sono dos deuses chora a partida para a morte”. *Blasfêmeas*, p. 15. Esta temática constitui preocupação, também para Yanissa Khan, nos poemas “verão africano e “wayemba”. O primeiro que nos revela o choro derivado de uma guerra e o segundo que é um convite por uma luta pela vida.

Essa guerra em Cabo Delgado é também reclamada por Lasmim no seu poema “vim confessar-nos”, no qual o sujeito poético reza por dias melhores nesse espaço geográfico. A poesia de Tulipa Negra também se cinge a esse lugar de dor. Há uma descrição sobre o desperdício de vidas humanas e das riquezas ambientais de Cabo Delgado, que a autora descreve no seu poema com o título “diário do refugiado”.

Hera de Jesus demonstra-se atenta a diferentes problemas de Moçambique e aí temos a certeza de se tratar desse país, porque parte do seu Hino Nacional vem mencionado no poema intitulado “convulsão”, através do qual a autora reivindica o lugar de subalternidade relegada à mulher e ao país malcuidado. E desgovernado, recorda-nos Regina Nhamuchua que, através do seu poema “estamos entregues”, sugere que cada moçambicano deve 7 milhões à China.

Em “desencanto”, Dombo descreve Moçambique, o lugar onde os *karinganas* sobre os velhos tempos deixaram de ter lugar, entretanto, segundo ela, convém manter-se a esperança em dias melhores.

Há alusão à esperança e ao amor, nesta obra. A esperança em novos futuros, derivados da procriação, enaltecida por Kaya M. e esperança, em sermos nós “se a soberania o permitir”, diz-nos a autora, em “últimos delírios”. Já o amor é cantado em Camila Chilaúle que o liga à paixão, nos seus poemas “infinito é o vermelho poema e “frangipani”. Ester Chiziane faz-nos um convite ao cuidado pelo outro, em “meu amor” e “dançaremos, certamente”.

Nesta mesma tónica de amor e de cuidado, enaltecendo a arte, Samira Longamane refere: “neste papel passo a escrever acerca da minha família,/ dos momentos mágicos/enredos de afecto, ternura e convívio/... Descobri que escrever neste papel é mais seguro/porque ninguém falsificará a minha história”. [...]. *Blasfêmeas*, p.p. 82-83.

A Violência doméstica é aflorada por Cecília Mabjaia nos poemas “a (in)felizarda e “ela é forte. Neles, a autora nos recorda que a mulher africana é ensinada a *pacientar* a vida e a dor que daí advenha. A par disso, Cecília Mabjaia vai longe, recorda-nos sobre os perigos do HIV, derivada da violência social na profissão da prostituição.

A temática da violência doméstica é, ainda, aflorada por Nívia Massango que pergunta quem é o homem, como que a questionar os direitos que se atribui para encher a mulher de pancada, silenciando a sua voz que, entretanto, grita. Tatiana Muianga é

outra mulher que coloca o seu sujeito poético a reivindicar contra o silêncio quanto à violência doméstica. Diz o seu poema “mulher de aço”: [...] “O canto do galo já é audível e o sono não chegou/ A angústia e a raiva consomem o meu corpo/ mas não posso denunciar/ As pancadas que recebo nas madrugadas”. [...]. *Blasfêmeas*, p. 91. Esta poeta, no seu texto “despertei” alude um grande mal social, as violações sexuais a mulheres. *Blasfêmeas*, p. 92.

Há poesia erótica, neste livro. Ela é trazida pelo sujeito lírico-criado por N’wantsukunyani Khanyisani, autora que se apresenta na obra, na qualidade de quem escreve “arte pela arte”, arte para deleite e fruição. E é em nome da revitalização da arte que termino convidando à leitura de Ivânea Paquete, no poema, de título “quando me for”. Nele, esta escritora enaltece o amor por esse fenómeno. Ainda na mesma senda, com o título “artes” Saquina Pancrácio, celebra este acontecimento, questionando: “E o que seria arte sem o amor/ Um corpo sem vida, talvez/ou uma fonte sem água/. [...]. *Blasfêmeas*, p. 89.

Como se pôde constatar, esta é uma obra que, para além do grito de mulheres por um lugar diferente do subalterno é um grito e uma exaltação da arte, à semelhança do que se diz no excerto do poema “Súplica”, que é epígrafe do *Blasfêmeas: sangue e poesia*, no qual se diz, citando Noémia de Sousa: “ – Por isso pedimos,/de joelhos pedimos:/ tirem-nos tudo../mas não nos tirem a vida,/não nos tirem a música”.

Prometera, mais acima, abordar a antologia *Blasfêmeas: sangue e poesia*, para depois me ater à obra *Recortes de mim desse tal de amor*, título do primeiro livro de Sheila Miquidade. Reitero a importância de se celebrar trabalhos da lavra de mulheres.

Recortes de mim desse tal de amor

Trata-se de um livro composto por 78 páginas, incluindo os para-textos. Tem 47 poemas (graficamente, não se trata, pois de um poema para cada página). Há poemas curtos e outros longos, que se caracterizam em versos ou em prosa poética. Mas todos sabemos que o diálogo literário se estabelece através do conteúdo e não da quantidade de versos ou de palavras que uma obra contenha. Mais do que os textos, vale recordar que caracterizam a obra delicadas ilustrações em colagens de Inês Flor.

O título da obra remete a uma biografia. Entretanto, a forma estética a partir da qual o texto está escrito, os versos, fez-me acreditar que não se trate de uma obra desse género pois, do ponto de vista estético, o mais comum é a biografia ser escrita em prosa. Mesmo considerando a prosa poética, no livro, também, constata-se que o livro não é uma biografia. Em ambos casos, a julgar pela idade da autora do livro, mais o seu percurso, deduzível através dos dados biográficos que se encontram na contra-capla do livro, seria necessário mais espaço para narrar a sua trajectória de vida ou seja; lendo a obra não ficamos a conhecer a Sheila Miquidade, mas a sua escrita. Quero afirmar com isso que, um livro biográfico relata o curso de vida do seu autor.

Este livro pertence ao género a que se designa autoficção; escrita na qual a ficção e partes da identidade do autor convivem. Um exemplo do que acabei de afirmar pode ser encontrado

no primeiro poema do livro, intitulado “Quem inventou o amor”. Este poema sugere o questionamento da nossa existência e da existência do amor. Há nele uma reflexão sobre a matéria e a origem do amor, que aludem a biografia da autora.

A autoficção subdivide-se escrita confeccional, que é o caso do livro de Sheila Miquidade e em ficção autobiográfica, quando se trate de narrativa que integre a identidade do seu autor. Recordo, entretanto, que para aferir os traços biográficos de um autor que escreva nessas vertentes é importante conhecê-lo pessoalmente ou entrevistá-lo, para não se incorrer em assupções sobre a sua identidade e as identidades ficcionadas.

As aferições que fiz sobre a identidade da autora são baseadas no que é mencionado nas orelhas do livro, na qual se refere que “Sheila capturou momentos íntimos, transformando as suas experiências em versos que reflectem a sua jornada pessoal e a sua observação sobre o mundo”. Isto explica, claramente, a utilização de partes da biografia, mas não será a partir delas que se pode reconstituir o curso e o percurso de vida da autora empírica.

Em Teoria Literária, chama-se poesia lírica, a que fala sobre o amor (aquela através da qual se pode manifestar a subjectividade: o que se sente e o que pensa sobre o mundo ou sobre a vida). Na Bíblia Sagrada, mais precisamente no “Cânticos dos cânticos” ou “cânticos de Salomão encontramos as definições ou caracterizações sublimes e filosóficas sobre o amor; nomeadamente: amor fraternal (entre irmão, família e amigos); amor romântico (amor idealizado, desejo); amor de amizade ou *philia* (afeição); amor incondicional, ágape (cuidado com o bem-estar da pessoa) e, por fim, o amor sexual (desejo de prazer que um amado e uma amada sentem um pelo outro).



A propósito de escrever sobre o amor, devo, entretanto, recordar que, em Moçambique, até antes de 1984 a poesia sobre essa temática era proibida. A poesia lírica foi se construindo, ao longo do tempo. Somos um país jovem que, nos anos 60 escrevia apenas poesia de combate, através da qual se desejava que cada palavra em cada poema tivesse o efeito didáctico de luta contra o jugo colonial e “nada de poemas de amor”, dizia-se. (cfr. Brochura sobre o 1º Seminário Cultural [da Frelimo], decorrido entre 30 de Dezembro de 1971 e 21 de Janeiro de 1972, na rubrica **resoluções sobre literatura**).

Esse desiderato foi, timidamente, desconstruído por Luís Carlos Patraquim, através do seu livro **Monção** (1980), bem como a obra **Raiz do Orvalho** (1983) de Mia Couto. Foi mais tarde, em 1984, com a poesia de Eduardo White que ficou marcada a rutura total ao publicar a obra **Amar sobre o Índico**. Depois disso, escrever sobre o amor, em Moçambique, tornou-se correio. E hoje temos muitos autores que se dedicam a essa estética. **Recortes de mim desse tal de amor** da autoria de Sheila Miquidade é um desses exemplos.

Essa obra é classificável na **estética de si**, preconizada por Foucault, que fala, no âmbito dessa escrita, sobre (**cuidados de si** e **cuidados do outro**). Lendo **Recortes de mim desse tal de amor**, aliando ao que se diz na orelha do livro, pode se perceber que o livro resulta de um processo de resignificação da vida do seu autor ou dito de outra forma: tratou-se de um processo no qual a arte cura a vida, como é o caso do poema, “Ai mãe, brotei”. Pg. 36.

Há ainda, no livro, repetições de expressões que nos remetem a reflexões sobre a condição e existência humana. Dou dois exemplos: Poema “Nós” – **nós no vazio e na imensidão**; “Do salto de bico alto” – **o vazio da tua existência**. Supostamente, as pessoas são o resultado de um acto de amor (um acto físico que se deseja prazeroso, mais do que romântico) e, por isso, deduzir-se que amar seja bom e que o amor faça bem (no sentido de plenitude), entretanto, o que a vida prova ou o que o livro ilustra é que as convenções sobre o amor são falhas. Há vazios na nossa existência. Há respostas no poema já aludido e no poema intitulado “Um café por favor”, no qual se fala de **presença que é ausência**, pg. 34. E tem mais, o último poema do livro brinda-nos com outras definições sobre o amor, o tal conceito difuso.

Termino como comecei. Vou recordar a importância de se não silenciar a escrita da lavra de mulheres, disseminando a sua obra, estimulando-as a escreverem, a publicarem ou mesmo analisando os seus trabalhos.

Recordo ainda que este texto ainda se encontra em construção, daí deixar o meu endereço electrónico, para quem deseje colaborar no recenseamento ora iniciado. Ainda há trabalhos de mulheres por registar, prova-o, por exemplo o facto de que, ainda a fechar este texto, para o enviar ao jornal, sou agradavelmente surpreendida pela notícia de que acaba de ser editada a obra **No Dorso da Sombra**, de Hera de Jesus, mencionada no grupo de mulheres antologadas no livro **Blasfêneas: sangue e poesia**. []



Dany Wambire participa na Feira do Livro Infantil de Bolonha, na Itália

Texto: Redacção

O editor e escritor moçambicano Dany Wambire participou na 62ª edição da Feira do Livro Infantil de Bolonha (BCBF, na sigla em inglês), que decorreu entre os dias 31 de Março e 03 de Abril, na Itália.

No evento, Dany Wambire reuniu-se com agentes literários e editores de livros infanto-juvenis de alguns países do mundo, com objectivo de divulgar o catálogo de obras infanto-juvenis da sua editora, a Editorial Fundza, e adquirir direitos para publicação de obras do mesmo género em Moçambique.

Em Bolonha, para além comprar e vender direitos, Dany Wambire, que também é curador do principal festival literário para a camada infanto-juvenil em Moçambique, “colheu experiências e estabeleceu parcerias que agregam valor acrescido” ao seu evento.

“A Feira do Livro Infantil de Bolonha é o maior evento literário dedicado ao público infanto-juvenil e fazer parte desta feira é uma oportunidade ímpar para aprender modos de pensar e fazer uma festa literária para crianças”, acrescenta o curador.

Para além da BCBF, no mesmo período e na mesma cidade, foram realizadas duas actividades paralelas, nomeadamente, Bologna BookPlus (BBPlus), uma extensão dedicada à publicação comercial geral; e a Bologna Licensing Trade Fair/Kids (BLTF/Kids), um evento de licenciamento da BCBF para direitos subsidiários de marcas e propriedades para crianças, adolescentes e jovens adultos.

A participação de Dany Wambire na Feira do Livro Infantil de Bolonha contou com o apoio e a colaboração da Agência Italiana de Comércio, baseada em Maputo.

Dany Wambire nasceu em 1989. É mestrado em Comunicação e licenciado em Ensino de História. É escritor e fundador da Editorial Fundza. *A adubada fecundidade e outros contos*, seu livro de estreia, foi distinguido com menção honrosa no *Prémio Internacional José Luís Peixoto* (2013). Também publicou *O curandeiro contratado pelo meu edil* (2015), *Quem Manda na Selva* (2016), *A mulher sobressalente* (2018), *O Toninho e a vaca leiteira* (2020), e *A arte de pilar medos* (2024). []

10
anos



Associação Literária
Kulemba

Gala
de
CELEBRAÇÃO
22.MAIO



CIDADE DA BEIRA